

Diálogo judeu-católico e judeu-cristão

Guershon Kwasniewski*

Resumo: Nestas teses, o autor concentra-se mais no relacionamento entre o judaísmo e a Igreja Católica Romana. Constata inicialmente que, apesar da existência de elementos comuns nas duas religiões, o diálogo sempre foi muito difícil, por várias razões, ao longo da história. No presente existem iniciativas por parte da Igreja que apontam para uma melhora no relacionamento entre judeus e cristãos. O autor ressalta especialmente os “Dez pontos de Seelisberg”, de 1947, que contêm orientações que continuam sendo valiosas. Depois de fazer uma breve retrospectiva histórica das relações entre judaísmo e cristianismo, conclui descrevendo o diálogo inter-religioso de que participam representantes do judaísmo no Brasil.

Resumen: En estas tesis, el autor se concentra más en la relación entre judaísmo e Iglesia Católica Romana. Constata inicialmente que, a pesar de existir elementos comunes a las dos religiones, el diálogo siempre fue muy difícil, por diversas razones, a lo largo de la historia. En el presente existen iniciativas por parte de la iglesia que apuntan para una mejoría en la relación entre judíos y cristianos. El autor resalta especialmente los “Diez puntos de Seelisberg”, de 1947, que contienen informaciones que continúan siendo valiosas. Después de hacer una breve retrospectiva histórica de las relaciones entre judaísmo y cristianismo, concluye describiendo el diálogo inter-religioso del que participan representantes del judaísmo en Brasil.

Abstract: In these theses the author concentrates mostly on the relationship between Judaism and the Roman Catholic Church. He points out initially that, in spite of the existence of common elements between both religions, the dialogue has always been very difficult, for many reasons, throughout history. In present times, there are initiatives on the part of the Church that point to an improvement in the relationship between Jews and Christians. The author especially highlights the “Ten Points of Seelisberg”, of 1947, which contain orientations that continue to be valuable. After giving a brief historical retrospect of the relationships between Judaism and Christianity, he concludes describing the interreligious dialogue in which representatives of Judaism participate in Brazil.

* Professor, líder religioso da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA). Formado no Instituto Abarbanel do Seminário Rabínico Latinoamericano, em Buenos Aires, Argentina. Realizou diferentes cursos de aperfeiçoamento rabínico em Israel. É colaborador e representante do Brasil ante The Stephen Roth Institute, Universidade de Tel Aviv, Israel, dedicando-se a estudar o anti-semitismo e racismo contemporâneo. Ministra cursos sobre Judaísmo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Há seis anos mora em Porto Alegre, onde desenvolve as suas atividades. Endereço da SIBRA: Rua Mariante, 772, CEP 90430-180 Porto Alegre, RS, Brasil. Site: <http://www.welcome.to/sibra> – E-mail: gugu.ez@terra.com.br

Aproximar as religiões é possível quando existe respeito mútuo, preservação de valores, estudo e conhecimentos. Estamos numa era em que pretendemos deixar a intolerância de lado. Na hora que uma religião é assumida com seriedade, convicção e muito amor, estaremos construindo um universo onde todas as outras religiões terão lugar, sem interferir com os nossos princípios, encontrando espaços de diálogo.

Para estabelecer um diálogo precisamos de dois interlocutores. Aspectos históricos, políticos, geográficos, econômicos influenciaram – e ainda influenciam – o diálogo religioso entre judeus e católicos. Nem sempre as partes estiveram prontas para a comunicação e aproximação. Em muitas oportunidades o diálogo foi cortado e retomado com muita frieza.

É interessante que temos mais pontos em comum que pontos de discordância. Somos religiões “monoteístas”, acreditamos na mensagem do Pentateuco, reconhecemos a origem judaica de Jesus, colocamos a cidade de Jerusalém num *status* especial de espiritualidade, condenamos o radicalismo – seja qual for a sua manifestação –, lutamos por um mundo melhor, um mundo de paz.

Se partimos dos nossos dias, reconhecemos na figura do papa João Paulo II o abnegado esforço por manter um diálogo vivo, dinâmico e de aproximação com o judaísmo e outras religiões. Foi durante o jubileu da Igreja Católica que o papa visitou Israel e a cidade de Jerusalém, encerrando anos de distanciamento entre o Vaticano e Israel. Foi João Paulo II que, na sua histórica viagem para a Terra Santa, pediu “perdão” aos judeus pela passividade da Igreja durante a obscura época do Holocausto. Muitos judeus se perguntaram por que o Vaticano teve que aguardar mais de 50 anos para se manifestar. A dor pela perda de seis milhões de irmãos judeus durante a Segunda Guerra Mundial deixou uma ferida aberta, que, mesmo com declarações de solidariedade vindas meio século depois, são difíceis de aceitar por uma grande parte do povo de Israel.

A atitude indiferente do Vaticano liderado pelo papa Pio XII contrasta com os heróicos esforços de muitos padres anônimos que salvaram vidas de judeus, arriscando as suas próprias vidas. Muitos historiadores e teólogos concordam que a aproximação entre o judaísmo e o catolicismo é uma obra que João Paulo II herdou do papa João XXIII.

Nos últimos anos a Igreja tentou fazer uma revisão da história e de seu relacionamento com o judaísmo. Encíclicas e tratados foram apresentando uma visão diferente dos judeus para a própria Igreja. Ver *Nostra Aetate*, ver Concílio Vaticano II.

Os preconceitos anti-semitas derrubam o diálogo inter-religioso, por

isso destaco a importância dos chamados 10 Pontos de Seelisberg, fruto de um colóquio judeu-cristão, elaborados na França em 1947, que serviram como base para muitos outros documentos:

1. Deve-se lembrar que um só e mesmo Deus nos fala no Antigo e no Novo Testamento.

2. Não se pode esquecer que Jesus nasceu de mãe judia, pertencia à família de Davi e ao povo de Israel, e que seu amor eterno abrange o seu povo e o mundo inteiro.

3. Recorde-se ainda que os primeiros discípulos, os apóstolos e os primeiros mártires eram judeus.

4. Tenha-se presente que o principal mandamento do cristianismo, o amor de Deus e do próximo, anunciado no Antigo Testamento e confirmado por Jesus, obriga igualmente cristãos e judeus, em todas as relações humanas.

5. Deve-se evitar diminuir o judaísmo bíblico e pós-bíblico para exaltar o cristianismo.

6. Não se deve empregar a palavra “judeu” para designar exclusivamente os inimigos de Jesus, e as palavras “inimigos de Jesus” para designar o povo judeu em seu conjunto.

7. Não se deve apresentar a Paixão de Jesus como se todos os judeus, ou somente os judeus, tivessem incorrido na odiosidade da crucificação. Não foram todos os judeus que pediram a morte de Jesus, nem foram somente judeus que se responsabilizaram por ela. A Cruz, que salva a humanidade, revela que Cristo morreu pelos pecados de todos. Pais e mestres cristãos deveriam ser alertados a respeito de sua grande responsabilidade na maneira de narrar os padecimentos de Jesus. Se o fazem de uma forma superficial, correm o risco de fomentar aversões no coração das crianças ou dos ouvintes. Numa mente simples, movida por um ardente amor compassivo pelo Salvador crucificado, o horror natural dos perseguidores de Jesus pode facilmente tornar-se, por motivos psicológicos, ódio indiscriminado pelo judeu de todos os tempos, inclusive de nossos dias.

8. Não se devem evocar as condenações bíblicas e o grito da multidão enraivecida: “Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27,25) sem lembrar que esse grito não anulou as palavras de nosso Senhor, de conseqüências incomparavelmente maiores: “Pai, perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem” (Lc 23,24).

9. É preciso evitar qualquer tentativa de mostrar os judeus como um povo reprovado, amaldiçoado e votado a um sofrimento perpétuo.

10. Deve-se mencionar que os primeiros membros da Igreja eram judeus.

Uma viagem no tempo

Se voltamos ainda mais na história, encontraremos a total intolerância na época das Cruzadas (1099-1291 da Era Comum) e na época dos Grandes Impérios.

Quando o catolicismo tornou-se religião oficial do Império Romano, os judeus foram mais perseguidos que outros povos por motivos religiosos.

A destruição do Segundo Grande Templo de Jerusalém, no ano 70 da Era Comum, desestimulou qualquer forma de diálogo, gerando, pelo contrário, reações de revolta religiosa. Ver a história dos Macabeus. Ao longo da história, os inimigos do povo de Israel tinham como primeiro objetivo destruir o Grande Templo de Jerusalém. Achavam que com a destruição do centro espiritual judaico conseguiriam a dispersão e assimilação dos judeus.

É interessante que o judeu conseguiu reconstruir seu micro-universo e, acima de tudo, produzir novas fontes de expressão cultural seja onde for. Nessas circunstâncias não existia muita margem para um diálogo inter-religioso. O judeu estava preocupado com a sua sobrevivência.

Se chegamos à origem do cristianismo, o afastamento entre judeus e Jesus se deu mais na época dos apóstolos. Jesus e seus discípulos apareciam como um partido religioso dentro da comunidade judaica.

Quando houve discordância de critérios e princípios, o diálogo passou a segundo plano. Poderíamos dizer que em todos os tempos existiu intenção de diálogo entre judeus e cristãos, muitas vezes frustrado por fatos históricos e pelo egoísmo dos líderes que tentaram privar as suas comunidades de um relacionamento normal e civilizado.

Diálogo inter-religioso no Brasil

Desde 1962, desenvolveu-se um trabalho de relacionamento fraterno entre judeus e cristãos, através do Conselho de Fraternidade Cristã-Judaica, que continua a realizar diversas atividades culturais e religiosas, com o objetivo de um conhecimento mútuo e difusão dos laços comuns entre as religiões judaica e cristã.

Em 1981, foi criada, por iniciativa da CNBB, a Comissão Nacional do Diálogo com os Judeus, contando com a participação de cinco membros nomeados pela CNBB e cinco judeus convidados pela mesma entidade. Sua finalidade é articular em nível nacional o diálogo oficial da Igreja Católica no Brasil com a comunidade judaica no país. O expoente máximo da comunidade judaica que participa da Comissão é o rabino Henry Sobel, presidente do Rabinato da Comunidade Israelita Paulista (CIP).

Em Porto Alegre, a instituição que lidero, SIBRA, faz parte do Grupo de Diálogo Inter-Religioso que funciona na Associação Cristã de Moços (ACM). Há seis anos que participo do grupo, ministrando palestras, participando em cultos, inaugurações, atos oficiais, visitando presídios e fazendo campanhas de agasalhos. O nosso objetivo é educar as nossas comunidades para vencer os preconceitos e a ignorância, que criam barreiras e impedem uma aproximação sincera entre as religiões. Só na hora que conhecermos os nossos irmãos na sua forma de ser e pensar, poderemos respeitá-los.

Bibliografia

Guia para o diálogo católico-judaico no Brasil. (Estudos da CNBB, 46).

Hechos de Israel. Ed. por Ellen Hirsch. Jerusalém: Centro de Información de Israel, 1995.